O Revisionismo e as Lições da Luta de Classes na Espanha

"*É necessário que os militantes, os revolucionários das organizações de trabalhadores, que sofreram a cruel experiência da derrota militar e a humilhação como refugiados, dediquem uma séria e concentrada atenção às lições da guerra e da revolução espanhola, pela qual pagaram tão caro com o seu sangue e o sangue de seus melhores camaradas*."
(Os Amigos de Durruti)

É baseado nessas palavras dos Amigos de Durruti e com o dever histórico para com o anarquismo e a luta revolucionária da classe trabalhadora que o Comitê Pró Organização Anarquista no Ceará lança a brochura **CNT/FAI** (1) **e a Guerra Civil Espanhola: do Revisionismo à Capitulação**, na intenção de fazer um balanço crítico dessa experiência histórica do proletariado em luta e do papel político do revisionismo.

A brochura é composta por três textos que sintetizam os acontecimentos da Guerra Civil Espanhola (1936-1939) e o papel político da CNT/FAI, assim como a crítica feita pelos Amigos de Durruti à capitulação cenetista/faista ao governo ministerialista burguês. Os textos identificam também no revisionismo as causas teóricas da debilidade política do anarco-sindicalismo e sua incapacidade de dar orientações programáticas claras aos desafios práticos da luta revolucionária na Espanha.

O balanço histórico da experiência da Guerra Civil Espanhola é também um balanço político da CNT/FAI. Entender as causas que levaram a não realização de uma revolução proletária no território espanhol é compreender não só a conjuntura geral daquele momento, mas também entender claramente o decisivo papel

político que a CNT/FAI desempenhou naquele contexto. A falta de uma teoria e um programa revolucionário, que pudessem estabelecer uma linha política clara de forma a guiar objetivamente a luta revolucionária dos trabalhadores espanhóis, levou a direção anarco-sindicalista à colaboração aberta com o governo burguês. O confusionismo teórico legado pelo revisionismo ao anarquismo mostrava assim suas conseqüências práticas desastrosas.

Nas avaliações condescendentes da Guerra Civil Espanhola o papel traidor da burocracia da CNT/FAI é camuflado ou completamente ignorado. Fala-se muito da coletivização das terras, mas faz-se pouca crítica aprofundada do papel político desempenhado pelo anarco-sindicalismo. Isso quer dizer, se regozija com o papel revolucionário das massas, mas obscurece a capitulação dos dirigentes cenetistas e faistas ao governismo, responsáveis diretos pela liquidação dos esforços populares em se construir a revolução.

O apoio da CNT/FAI à Frente Popular (2) e seu programa burguês, intrinsecamente anti-proletário e contra-revolucionário, revela a falta de clareza teórico-programática que o revisionismo legou ao anarquismo. As palavras do líder colaboracionista Abad de Santilan (3) revelam bem o confusionismo teórico do revisionismo: "*Nós demos poder aos partidos de esquerda, convencidos de que, naquelas circunstâncias, eles representavam um mal menor* (4)." Frente ao fascismo do General Franco, a CNT/FAI acabou por apoiar o reformismo burguês da Frente Popular, mostrando sua incapacidade política de construir uma alternativa revolucionário dos trabalhadores. A intransigência classista e revolucionária do anarquismo delineado por Bakunin é então trocada pelo colaboracionismo de classe com a burguesia, encarado pelo revisionismo como um "mal menor".

Entender os problemas políticos enfrentados pelos trabalhadores espanhóis na Guerra Civil é compreender que o problema foi, para além de sua direção traidora, um problema também teórico com suas conseqüências organizativas, programáticas e estratégicas para a ação revolucionária.

O revisionismo da ideologia e teoria anarquista, realizado após a morte de Bakunin em 1876, tem como um de seus desdobramentos o abandono do coletivismo bakuninista e seu programa revolucionário e a adoção do anarco-comunismo professado por Kropotkin e Reclus. Primando pelo "educacionismo" e uma concepção evolucionista e determinista da história, que considerava a classe trabalhadora ainda não preparada para a revolução e o comunismo como o fim lógico da história da humanidade, o anarco-comunismo irá desconsiderar a importância da luta de classes e do papel revolucionário da organização anarquista, em prol do espontaneísmo das massas, encarado quase como um dogma a ser religiosamente respeitado.

O revisionismo anarco-comunista irá encontrar na propaganda das "idéias anarquistas" para a educação das massas para o "momento revolucionário" o fundamental de sua estratégia política. As palavras de Kropotkin são bem ilustrativas nesse sentido: "*(...) Longe de nós a idéia de elaborar um programa prévio para o caso de uma revolução. (...) mas, o que importa fixar, é o fim que se pretende atingir. E não somente fixá-lo, mas divulgá-lo, pela palavra e pelos atos, de maneira a torná-lo eminentemente popular, tão popular que, no dia do movimento, ele esteja em todas as bocas* (5)." O abandono da luta de classes como o espaço político original do anarquismo, dado pelo desvio educacionista, próprio do revisionismo anarco-comunista, irá afastá-lo da luta das massas. O desenvolvimento de atividades centradas na cultura e educação tinham necessidade de "militantes" formados intelectualmente, o

que fará a estratégia kropotkiniana primar por uma aproximação com setores da *intelligentsia* burguesa.

O revisionionismo de Kropotkin e *cia* acaba por levar o "anarquismo" aos meios literários e intelectuais de fins do século XIX e por afastá-lo dos meios populares e de luta dos trabalhadores. O revisionismo é então uma descaracterização ideológica, teórica, programática e estratégica do anarquismo.

Para romper com a estagnação do revisionismo anarco-comunista e fazer a reaproximação do anarquismo com os trabalhadores, surge posteriormente o anarco-sindicalismo como alternativa. No entanto, é preciso ter clareza, que o anarco-sindicalismo surge enquanto alternativa liquidacionista, pois rompe com o elemento estratégico principal do anarquismo, que é a organização política específica dos anarquistas, na tentativa de ideologizar, "anarquizar" os sindicatos. O anarco-sindicalismo, ao liquidar a necessidade política da organização específica anarquista, deve então ser compreendido como um desvio "obreirista" do anarquismo. A partir desse desvio, o revisionismo anarco-comunista de Kropotkin encontrou um campo fértil de influência, vindo a marcar profundamente a linha política da CNT/FAI e seu confusionismo teórico que a levou a uma política reformista de colaboração de classes com a burguesia.

Em 1926, dez anos antes do início da Guerra Civil na Espanha, Makhno, Arshinov e o Grupo de Anarquistas Russos no Exterior, que passaram pela experiência histórica da Revolução Russa, já diagnosticavam a falência política do anarco-sindicalismo no documento Plataforma Organizacional da União Geral dos Anarquistas (6): "*O método anarco-sindicalista não resolve o problema de organização no anarquismo, porque não dá prioridade a esse problema, interessando-se unicamente em sua penetração e reforço nos meios operários.*

Contudo, não se pode fazer grande coisa nesses meios, mesmo tendo alguma inserção neles, quando não existe uma organização anarquista geral.

O único método que soluciona o problema da organização geral, no nosso ponto de vista, é reunir militantes ativos do anarquismo numa base de posições precisas: teóricas, táticas e organizacionais, ou seja: uma base mais ou menos acabada de um programa homogêneo*."*(7)

A Plataforma Organizacional foi o resultado do balanço crítico do débil papel político exercido pelo anarquismo no processo da Revolução Russa. Uma crítica ao confusionismo que imperava no meio anarquista como conseqüência do revisionismo reinante. Propunha um programa revolucionário e um modelo de organização política anarquista, acabando por resgatar elementos importantes do bakuninismo, que pudessem guiar o proletariado no processo revolucionário.

Posteriormente, em abril de 1931, no contexto da proclamação da Segunda República Espanhola, Makhno envia uma carta a Carbó e Pestaña, diretores do periódico Solidariedad Obrera, principal órgão da CNT. Tendo em mente a ascensão do republicanismo burguês e se antecipando cinco anos do início da Guerra Civil, Makhno já alertava aos espanhóis para os possíveis desafios políticos que eles poderiam enfrentar e apontava formas de resolvê-los: "*Transmita a nossos amigos e companheiros espanhóis e, através deles, a todos os trabalhadores, meus ânimos para que não desfaleçam no processo revolucionário iniciado, assim como para que se apressem em* ***se unir em torno de um programa prático****, traçado em um sentido libertário.*" (8) Makhno havia passado pela prova de fogo histórica que foi a Revolução Russa e a experiência

revolucionária da makhnovschtina na Ucrânia, ele sabia da importância prática e da necessidade teórica de se pensar a revolução, de possuir uma teoria e um programa revolucionário que pudessem dar respostas aos momentos agudos da luta de classes.

Mais adiante, na mesma carta, as palavras de Makhno são quase proféticas: "*na minha opinião, a federação anarquista e a Confederação Nacional do Trabalho devem considerar esta questão seriamente. (...) Do mesmo modo,* ***não devem temer assumir em suas mãos a direção estratégica, organizativa e teórica do movimento popular***."(9) Numa simples carta Makhno consegue delinear os possíveis desafios da luta revolucionária em relação ao programa e o papel político dos anarquistas no processo avançado de lutas. Nestor Makhno ainda comenta sobre as alianças políticas: "*Obviamente devem evitar de se unirem com os partidos políticos em geral e com os bolcheviques em particular, já que imagino que os bolcheviques espanhóis serão bons imitadores de seus colegas russos. Seguirão os passos do jesuíta Lenin ou inclusive os de Stalin, não duvidando em estabelecer seu monopólio sobre todos os impulsos da revolução, (...) De modo que inevitavelmente trairão tanto o seus aliados como à própria causa revolucionária.*"(10)

Makhno e a Plataforma, superando o cunfusionismo revisionista de sua época, resgatavam a necessidade política da organização específica anarquista, do programa e da teoria revolucionária e de sua relação com o movimento de massas, já determinados por Bakunin no século XIX no contexto político da I Internacional. Sabendo que somente assim se poderia influir de forma objetiva nos processos de luta de classes.

Em Bakunin já estavam postulados os marcos da relação entre a organização política revolucionária anarquista e o movimento de massas, elaborados através de sua atuação na Aliança da

Democracia Socialista no âmbito da Associação Internacional dos Trabalhadores: "*A Aliança é o complemento necessário da Internacional ... Mas a Internacional e a Aliança, tendendo para o mesmo objetivo final, perseguem objetivos diferentes.* ***Uma tem por missão reunir as massas operárias, os milhões de trabalhadores, através das diferenças das nações e dos países, através das fronteiras de todos os estados, em um só corpo imenso e compacto; a outra, a Aliança, tem por missão dar as massas uma direção verdadeiramente revolucionária****. Os programas de uma e outra, sem serem opostos em nada, são diferentes pelo próprio grau de desenvolvimento respectivo.* ***O da Internacional, se os tomarmos a sério, também é em germe, mas só em germe, todo o programa da Aliança. O programa da Aliança, é a explicação última do da Internacional.***"**(**11)

A teoria bakuninista apontava de maneira correta o caráter e o objetivo da organização revolucionária anarquista e da organização de massas (como os sindicatos) e a necessária relação entre ambas. A organização política anarquista, sendo composta por uma minoria ativa, reuniria a vanguarda do proletariado em torno de uma teoria e ideologia e portaria o programa máximo, tendo como estratégia a revolução para se chegar ao socialismo. E a organização de massas, com caráter de maioria, aglutinaria um grande número de trabalhadores, cujo objetivo é lutar por melhores condições materiais de vida para o proletariado. O programa reivindicativo não contradiz o programa máximo revolucionário, é diferente dele, mas caminha em direção a ele. A dialética entre estes programas é necessária para encaminhar a luta revolucionária do proletariado, pois deve apontar na concretude das lutas imediatas dos trabalhadores seus objetivos históricos. Deve indicar a relação das lutas reivindicativas com a estratégia a longo prazo para superar a sociedade de classes.

O papel de organização específica, entendido como uma minoria ativa com forte unidade teórica e programática na ação, desempenhado pela FAI era bastante débil. Ela foi fundada por "grupos de afinidade" e em julho de 1936 possuía cerca de 30.000 membros. Um ano depois se converte em uma federação de grupos locais e de bairro "*consideravelmente mais aberta a adesões que os 'grupos de afinidade' (...)* ***logo a organização anarquista, a específica (...), se transformava em um partido no sentido moderno, tendendo a se converter em uma 'organização específica de massas'****. Sem dúvida pode-se considerar que os grupos de afinidade já não correspondiam ao período que se abriu em julho de 1936, mas por outra parte,* ***como não ver a pobreza e confusão de sua base teórica, que consistia em uma declaração de princípios de somente algumas linhas?***". (12)

Contudo, a confusão teórica legada pelo revisionismo obscureceu muitas das questões ideológicas, programáticas e estratégicas do anarquismo. E o "anarquismo" espanhol da década de 30 refletia bem esse confusionismo em seus meios de discussão e elaboração teórica.

Fontenis aponta as principais características desse ambiente, onde foi gestada a política vacilante e confusionista da CNT/FAI: " *Como explicar que a ampla maioria da CNT e da FAI tenha optado, (...), pela colaboração por meio dos aparatos estatais?* ***Não devemos perder de vista o fato de que o movimento anarquista espanhol, se bem que era predominantemente da classe trabalhadora, não se achava imune de algumas das debilidades do movimento anarquista internacional daquele período. Idealismo burguês, humanismo pouco definido, a substituição da reflexão política sólida por conversas filosóficas vazias, individualismo e diletantismo eram coisas comuns****, especialmente entre os intelectuais, que se achavam na maioria das vezes mais próximos*

do liberalismo radical do que do sindicalismo revolucionário. Basta ler algumas de suas revistas e panfletos para convencer-se disto. O Congresso de Zaragoza foi, em certa medida, reflexo dessa situação. Se viu forçado a colocar o tema do comunismo libertário, ***porém o problema do poder político nunca apareceu de maneira clara. De tal modo, haviam temas tabu na organização libertária e a idéia do poder das massas em oposição ao poder do Estado, uma questão vital, fundamental, se achava ainda rodeada de um embaraçoso silêncio***.”(13)

As fraquezas teóricas do anarco-sindicalismo da CNT/FAI mostrou o poder de seus efeitos práticos na colaboração aberta com o governismo da Frente Popular. Um dos pontos vitais de qualquer estratégia revolucionária, que é a questão do poder, era irresponsavelmente negligenciada pela maior central sindical existente na Espanha. A discussão sobre o poder era tratada como um tabu e era “rodeado de um embaraçoso silêncio”. Quando a realidade da luta de classes exigiu um posicionamento político da CNT-FAI, seu confusionismo teórico levou a por a questão em um falso dilema entre uma “ditadura anarquista” ou a unidade anti-fascista e colaboracionista com o Estado para ganhar a guerra. A CNT/FAI não tinha uma resposta proletária para questão do poder e acabou pagando com o colaboracionismo de classe pela sua fraqueza teórico-programática.

O Congresso da CNT realizado em Zaragoza no dia 19 de maio de 1936, citado acima por Fontenis, realmente refletia esse ambiente diletante do revisionismo. Segundo Daniel Guerín, o Congresso foi tomado pelo tema do comunismo libertário a partir de um esboço **ingênuo e idealista** do tema, elaborado pelo doutor Isaac Puente. Outros temas também tratados foram “o cultivo do espírito através da cultura” e os “grupos de afinidade dedicados ao naturismo e ao nudismo”. Até Guerín que é condescendente em sua avaliação da

Guerra Civil espanhola não deixa de notar que: "*Devemos sorrir? Nas vésperas de uma fundamental e sangrenta mutação social, a CNT não acreditava que fosse risível buscar a forma de satisfazer as aspirações infinitamente variadas do ser humano*." (14)

A crítica feita aqui ao bloco CNT/FAI se deve ao fato de que a maioria dos dirigentes da CNT também integravam a FAI, sendo bastante ilustrativa essa unidade política "*a partir de julho de 1936,* (quando) *os vínculos entre a CNT e a FAI se estreitam tanto, que os dois emblemas apareciam juntos na maioria das vezes (se falava da 'CNT-FAI')*". (15)

Tardiamente surge em 1937, do interior da própria CNT/FAI, a agrupação Los Amigos de Durruti. Aparecem enquanto oposição à linha política majoritária adotada pela central sindicalista no decurso da guerra. A agrupação reunia militantes provenientes da Columna Durruti que foram contra a militarização das Milícias Populares e também militantes e jornalistas como Jaime Balius, que se opunham firmemente ao colaboracionismo com o governo. Desde seu início, os Amigos de Durruti fizeram a denúncia do processo de burocratização da CNT e levantaram importantes questões teórico-programáticas referentes a estratégia revolucionária, na tentativa de cumprir o papel que a CNT/FAI não conseguiu realizar.

Sobre os acontecimentos de julho de 1936, os Amigos de Durruti escreveram: "*A imensa maioria da população trabalhadora estava ao lado da CNT. A organização majoritária na Catalunha era a CNT. O que ocorreu para que a CNT não fizesse sua revolução, que era a do povo, a da maioria do proletariado? Sucedeu o que fatalmente teria que ocorrer. A CNT estava órfã de teoria revolucionária. Não tínhamos um programa correto. Não sabíamos aonde ir. Muito lirismo, mas no final das contas, não soubemos o que fazer com aquelas massas enormes de trabalhadores, não*

soubemos dar plasticidade àquele fluxo popular que se voltava às nossas organizações e por não saber o que fazer entregamos a revolução de bandeja a burguesia e aos marxistas, que mantiveram a farsa de outrora, e o que é muito pior, se deu margem para que a burguesia voltasse a se recuperar e atuasse como vencedora. A CNT não se soube valorizar. Não quis levar adiante a revolução com todas as suas conseqüências." (16)

Ao resgatarem pressupostos do anarquismo revolucionário, os Amigos de Durruti expuseram às debilidades do anarco-sindicalismo. Apesar de sua firme mensagem revolucionária frente ao confusionismo anarco-sindicalista, não podemos esquecer que a agrupação foi gestada no interior dessa ideologia, e não estavam imunes as suas origens políticas e seus impasses práticos. Agustín Guillamón explica alguns dos dilemas enfrentados pelos Amigos de Durruti: *"Ainda que o pensamento político expressado pelos Amigos de Durruti fosse uma tentativa de compreensão da realidade da guerra e da revolução espanhola* (17)*, a partir da ideologia anarco-sindicalista, uma das principais razões de sua rejeição pela militância confederal* (18) *foi seu caráter "autoritário", "marxista" ou "bolchevizante". Podemos concluir que os Amigos de Durruti se achavam ante um beco sem saída. Não podiam aceitar o colaboracionismo dos quadros dirigentes da CNT e o avanço da contra-revolução; porém se teorizavam as experiências da revolução espanhola, isto é, a necessidade de uma Junta Revolucionária, que derrubaria o governo burguês e republicano da Generalidade de Catalunha, e reprimisse pela força os agentes da contra-revolução, então eram qualificados de marxistas e autoritários, e perdiam, portanto, toda possibilidade de proselitismo entre a base confederal. Cabe perguntar se o beco sem saída dos Amigos de Durruti, não era mais que o reflexo da incapacidade teórica do anarco-sindicalismo espanhol para enfrentar os problemas colocados pela guerra e a revolução".* (19)

O valor histórico dos Amigos de Durruti para a luta revolucionária está em seu papel político de oposição ao colaboracionismo. De apontarem a necessidade do programa revolucionário e da importância de pensar seriamente a revolução em termos políticos e estratégicos. Recolocando o debate Reforma x Revolução na ordem do dia. De defenderem uma guerra revolucionária que derrotasse não somente ao fascismo, mas também a burguesia. Toda essa intransigência classista e revolucionária dos Amigos de Durruti os tornou alvo da direção da CNT-FAI que os acusavam falsamente de agentes provocadores e stalinistas. Ao mesmo tempo essa mesma direção estava de mãos dadas (e atadas) aos stalinistas do PSUC, o satélite espanhol de Moscou.

Sendo assim, o necessário balanço histórico da Guerra Civil Espanhola deve levar em conta o papel político da CNT/FAI e suas origens teóricas e ideológicas no anarco-sindicalismo, fruto do revisionismo.

Estudar o passado é necessário para entender o presente e assim saber como agir no hoje. As lições que a Guerra Civil Espanhola legou ao proletariado mundial reforçam o lema da I Internacional que dizia que *a libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores*. Mostram que nenhuma aliança "tática" ou "estratégica" com a burguesia, seja ela nacional ou internacional, levará à emancipação real dos trabalhadores. Nos ensina que suplantar a luta de classes no contexto de guerra é "a deixa" para se aliar com a burguesia e conseqüentemente rebaixar as bandeiras históricas do proletariado frente à contra-revolução burguesa e seu programa conservador. E principalmente, nos deixa claro, que só venceremos a guerra se fizermos a revolução. Resgatando assim Durruti, para o qual a Guerra Civil Espanhola deveria ser, acima de

tudo, uma Guerra de Classes e também Bakunin, para o qual fazer a revolução era fazer a guerra revolucionária.

Aqueles no "campo anarquista" que fazem "vista grossa" ao papel traidor da política ministerialista da CNT/FAI tenderão a não enxergar o mesmo erro caso ele se repita em uma nova conjuntura e tenderão a repeti-lo, caso venham a desempenhar um papel preponderante na luta de classes de hoje ou amanhã. Se desvencilhar do mito da "heróica CNT-FAI" e encarar a realidade da derrota histórica dos trabalhadores na Guerra Civil é importante para assim tirarmos as lições necessárias para a luta de classes e para a estratégia revolucionária.

Em 2009 se completa 70 anos do fim da Guerra Civil na Espanha e não podemos deixar de recordar a mensagem revolucionária dos Amigos de Durruti que ecoa, ainda hoje, de maneira firme, como um punho erguido, frente a todas as mistificações e deturpações da luta de classes na Espanha.

Classe Trabalhadora, Nenhum Passo Atrás!
Ousar Lutar, Ousar Vencer!

Comitê Pró Organização Anarquista no Ceará
Fortaleza, junho de 2009

Notas

(1) Confederación Nacional del Trabajo/Federación Anarquista Ibérica.

(2) Formada por partidos republicanos entre socialistas, comunistas e stalinistas como o Partido Socialista Obrero Español (PSOE) e seu sindicato Unión General de Trabajadores (UGT), Partido Comunista de España (PCE), Partido Obrero de Unificación Marxista (POUM), Izquierda Republicana (IR) e Unión Republicana (UR).

(3) Diego Abad de Santillan, líder da CNT/FAI, no governo desempenhou a função de *Consejero de Economia* na Catalunha. Houveram mais quatro ministros anarco-sindicalistas no governo da República, são eles García Oliver, Frederica Montseny, Joan Peiró e Juan López.

(4) SANTILLAN, Diego Abad de. *Por Que Perdemos a Guerra?*. Citado em Clastre, Espanha 1936: A Lenda da Esquerda e a Realidade dos Trabalhadores. Disponível em: http://www.geocities.com/autonomiabvr/index.html

(5) KROPOTKIN, Piotr. *Théorie et Pratique*. Citado em Malatesta, Errico/Fabbri, Luigi. Anarco Comunismo Italiano. São Paulo: Luta Libertária, s/d.

(6) Em sua época a Plataforma foi injustamente chamada de anarco-bolchevique e autoritária por propor maneiras concretas de organização da luta e portar um programa revolucionário. As críticas partiram dos mais diversos setores, dos "anti-organizadores", dos sintetistas, que são favoráveis a uma mescla de individualismo/anarco-comunismo/anarco-sindicalismo, refutada politicamente pela Plataforma, e também de Malatesta, que sabia da importância da organização anarquista, mas discordava como a Plataforma propunha essa organização, através do princípio da responsabilidade coletiva.

(7) Vários Autores. *Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários*. Disponível em: http://www.nestormakhno.info/portuguese/platform2/introducao.htm. Grifos nossos.

(8) MAKHNO, Nestor. *Carta a Los Anarquistas Españoles*. Probuzhdeniye, N°23-27, Junho-Outubro de 1932, pp. 77-78. Carta escrita em 29 de abril de 1931. Disponível em http://www.nestormakhno.info/spanish/carta-espanoles.htm.

(9) Ibidem

(10) Ibidem

(11) BAKUNIN, Mikhael. Citado em A Alma e o Corpo: Bakuninismo e Organização Anarquista. UNIPA. Disponível em: http://br.geocities.com/unipa_net/hpunipa/docspol_teoricos/a_alma_eo_corpo.htm#_ftnref11.

(12) FONTENIS, George. *El Mensaje Revolucionario de "Los Amigos de Durruti"*. Disponível em: http://flag.blackened.net/revolt/spain/trans/fod_fontenis.html.

(13) Ibidem

(14) GUERIN, Daniel. El Anarquismo. Argentina: Anarres, s/d.

(15) FONTENIS, George. *El Mensaje Revolucionario de "Los Amigos de Durruti"*. Disponível em: http://flag.blackened.net/revolt/spain/trans/fod_fontenis.html.

(16) GUILLAMÓN, Augustín. *La Agrupación de Los Amigos de Durruti (1937-1939)*. Edição virtual. Disponível em: http://www.scribd.com/doc/2675199/La-agrupacion-de-los-Amigos-de-Durruti.

(17) É importante esclarecer que não houve uma "Revolução Espanhola", pois o domínio político-econômico da burguesia se manteve, não havendo a superação da sociedade de classes. O que aconteceu de fato foi uma Guerra Civil na Espanha, onde projetos diferentes estavam em disputa, em conflito. Uma correta caracterização do que ocorreu na Espanha entre 1936 e 1939 como uma Guerra Civil e não uma Revolução é importante para encarar o fato de que os trabalhadores saíram derrotados dessa batalha, não concretizando seu projeto revolucionário. Os setores dentro do anarquismo que encaram os acontecimentos de 1936-1939 como uma Revolução, aceitam que o papel exercido pela CNT/FAI foi uma papel revolucionário e não traidor, como de fato foi, através do colaboracionismo com a burguesia e a participação no Estado burguês.

(18) Referência aos filiados à CNT.

(19) GUILLAMÓN, Augustín. *La Agrupación de Los Amigos de Durruti (1937-1939)*. Edição virtual. Disponível em:

http://www.scribd.com/doc/2675199/La-agrupacion-de-los-Amigos-de-Durruti.